



## GESTÃO DA SALA DE AULA: OS ALUNOS E A VIGILÂNCIA ADOTADA PELOS PROFESSORES

Thiago Silva Prado<sup>\*</sup>  
Fábio Luiz da Silva<sup>\*\*</sup>

### RESUMO

Poucos discordam que a educação é importante na sociedade contemporânea, que a escola desempenha uma função vital em nosso mundo e que, na escola, o ensino se materializa especialmente na sala de aula. Por isso, conhecer o que acontece nesse lugar é essencial para melhorar o ensino. Partindo desse pressuposto, o presente estudo teve como objetivo principal investigar as preferências dos alunos em relação ao estilo de vigilância de seus professores, um dos aspectos da gestão de sala de aula. Considerando que o conceito de gestão de sala de aula é pouco desenvolvido no Brasil, adotou-se a perspectiva de Brophy (2011). Para o conceito de estilos de vigilância, buscou-se as definições de Rogers (2008). A pesquisa configurou-se como um estudo de caso realizado em uma escola pública do município de Maringá-PR. Por meio de um questionário com questões fechadas, foram levantadas as preferências de 79 alunos das três séries do Ensino Médio. Utilizando-se de quatro estilos de vigilância, construídos a partir dos exemplos fornecidos por Rogers (2008), foi possível concluir que os alunos pesquisados preferem, em sua maioria, o estilo tranquilo de vigilância; fato que parece corroborar estudos internacionais sobre relacionamento entre professores e alunos em sala de aula.

**Palavras-chave:** Gestão da sala de aula. Estilos de vigilância. Indisciplina.

### 1 INTRODUÇÃO

As experiências vividas na sala de aula variam muito, entre outros fatores, devido à preferência dos alunos por determinado tipo de aula e professor. Seus gostos e suas perspectivas têm se transformado ao longo dos anos, o que instiga a

---

<sup>\*</sup> Mestre em Ensino pela Universidade Norte do Paraná – UNOPAR; especialista em Gestão de Pessoas e Marketing pela Faculdade Metropolitana de Maringá - UNIFAMMA e Graduado em Administração de empresas também pela Faculdade Metropolitana de Maringá – UNIFAMMA. Instituição UNIFAMMA, Maringá/PR, atualmente professor e coordenador de cursos na UNIFAMMA. E-mail: thiago.silvaprado@hotmail.com.

<sup>\*\*</sup> Doutor em História (UNESP/Assis), mestrado em História (Universidade Estadual de Londrina - UEL), especialização em Filosofia (UEL), graduação em História (UEL), graduação em Administração de Empresas (UEL). Atualmente é professor de História do Colégio de Aplicação Pedagógica/UEL e da Unopar. É docente do Mestrado em Metodologias para o Ensino de Linguagens e suas Tecnologias, da Unopar. Foi docente da Faculdade Pitágoras - Unidade Londrina. Foi supervisor de pós-doutorado. Orienta alunos de Mestrado, Iniciação Científica e de Iniciação Científica Júnior. Londrina/PR. E-mail: professorfabioluiz2013@gmail.com.



necessidade de compreender as relações que se estabelecem entre alunos e professores na sala de aula também do ponto de vista dos alunos. Isso é indispensável, destarte esse convívio nem sempre é tranquilo e produtivo. Entender esse aspecto contribuirá para uma melhor gestão da sala de aula, que é segundo Brophy (2011) o conjunto de ações do professor que objetiva a criação e manutenção de um ambiente de aprendizagem propício ao ensino bem-sucedido. A preocupação em compreender as práticas dos professores que visam manter a atenção e o engajamento dos alunos vem ao encontro da observação de Saviani (1999), para quem o declínio da disciplina e a menor preocupação com a transmissão do conhecimento acabaram por tornar débil o ensino.

A sala de aula é um lugar repleto de especificidades que proporcionam diversas oportunidades de aprofundamento teórico, em virtude da complexidade dos sujeitos que nela se relacionam. Na sala de aula, deve acontecer essencialmente o ensino e a aprendizagem, momento no qual o professor, a partir de um currículo, ensina os conteúdos pertinentes a sua disciplina. Porém, conhecer o conteúdo não é suficiente para um bom ensino, como bem percebeu Dubet (1997) em sua experiência como professor. A tarefa de ensinar exige saberes que dizem respeito ao como gerenciar os fatores que colaboram ou não para que a aula realmente aconteça. Tais conhecimentos, em geral, fazem parte daqueles classificados por Tardif (2013) como saberes da experiência. Para Tardif (2013), a formação inicial, a formação para o magistério, o contato com o material didático e a formação continuada são fundamentais para a profissão do professor. No entanto, os saberes da experiência são igualmente importantes para compreender as práticas em sala de aula. Os conhecimentos vinculados à gestão da sala de aula, geralmente, estão contidos nos saberes experienciais, ou seja, o professor aprende como gerir a sala de aula por meio de suas experiências cotidianas.

A preocupação com as estratégias de gestão em sala de aula tem gerado estudos em diversos lugares do mundo. Nasey (2012), por exemplo, realizou pesquisa com professores da Nova Zelândia e comparou seus resultados com dados obtidos em trabalho semelhante nos Estados Unidos e na Grécia. Apesar de não investigar propriamente a questão da vigilância do professor, Nasey (2012) demonstra que, diante da indisciplina dos alunos, 93% dos professores pesquisados



repreendem verbalmente os alunos, 79% ignoram o comportamento inapropriado e reforçam o bom comportamento de outros alunos, 77% utilizam de um olhar desaprovador quando há um comportamento não apropriado em sala de aula, 64% aproximam-se do estudante, 42% escrevem o nome do aluno na lousa ou em um registro e 40% ignoram simplesmente o mau comportamento. Evidentemente, essas atitudes fazem parte daquilo que configuram ações relacionadas diretamente ao comportamento vigilante do professor. No final de seu trabalho, Nasey (2012) conclui que o comportamento dos professores neozelandeses é muito similar ao de outros países ocidentais. Diversas pesquisas igualmente têm apontado que a percepção dos estudantes a respeito da indisciplina e da gestão da sala de aula é muito semelhante em diversos países (MONTUORO; LEWIS, 2015).

Nos Estados Unidos, diversos estudos teóricos e de campo já foram realizados na perspectiva da gestão da sala de aula. Muitos desses estudos podem ser encontrados em coletâneas de artigos, como as organizadas por Evertson e Weinstein (2011) ou por Emmer e Sabornie (2015). No primeiro caso, Hoy e Weinstein (2011), analisando as perspectivas de estudantes e professores a respeito da gestão da sala de aula, apontam que alunos e professores têm diferentes perspectivas sobre esse tema. Esses autores demonstraram que os alunos, quando questionados sobre o assunto, tendem a valorizar mais os aspectos de relacionamento em sala de aula; por outro lado, os professores valorizam mais a ordem de sala de aula e o desempenho acadêmico dos alunos. No segundo caso, há um artigo que se aproxima mais da questão que estamos tratando em nosso estudo. Montuoro e Lewis (2015) examinaram diversas pesquisas, em diferentes contextos, sobre a percepção dos alunos em relação à indisciplina e à gestão da sala de aula e concluíram que os estudantes demonstraram não apreciar técnicas coercitivas de gestão da sala de aula. Afirmam também que a indisciplina em sala de aula pode ter origem em uma crise de comunicação entre professores alunos e não em alguma *maléfica razão*. Talvez as diferenças de perspectiva apontadas por Hoy e Weinstein (2011) possam explicar, pelo menos em parte, a dificuldade de comunicação entre professores e alunos.

No caso do Brasil, Ledo (2009) realizou um mapeamento da produção nacional a respeito da indisciplina e da disciplina, tendo concentrado sua análise em



dez dissertações e teses defendidas nos programas de pós-graduação da PUC-SP e da USP. Uma primeira conclusão de Ledo (2009) é a pouca produção acadêmica relacionada à questão da indisciplina em sala de aula, chegando a afirmar que os cursos de graduação em Pedagogia raramente discutem o cotidiano da sala de aula. Uma segunda conclusão, semelhante à de Dubet (1997), é que não existe uma adesão automática dos alunos a normas e valores escolares. Ledo (2009) também destacou a quase ausência, nos estudos por ele analisados, de pesquisas sobre as medidas tomadas pelos professores diante de uma turma indisciplinada e das consequências acadêmicas da indisciplina.

O professor, no aprimoramento de sua condição de profissional, deve buscar novos conhecimentos que possam contribuir para que ele consiga ser o condutor dos alunos ao mundo científico, pois como questiona Morais (1988, p. 15), “para que serve uma sala de aula se não for capaz de nos transportar para além da sala de aula?”. Foi com a intenção de contribuir com os estudos a respeito da gestão de sala de aula que escolhemos o conceito de vigilância para fundamentar a pesquisa. A palavra vigilância é sempre difícil de ser utilizada em um estudo na área da educação. Nosso passado autoritário e a influência de Foucault (1977) no campo pedagógico nos fazem evitar o uso desse termo, a não ser para denunciar sua prática. Nesse trabalho, no entanto, arriscamos afirmar que a vigilância é necessária. Por outro lado, admitimos que os professores utilizam na de diversas formas e que algumas delas são mais adequadas do que outras. Em nosso estudo, utilizamos o conceito de vigilância apresentado por Rogers (2008). A partir dos exemplos fornecidos por Rogers (2008), podemos identificar quatro estilos de vigilância em sala de aula: vigilante demais; excessivamente vigilante; ausência de vigilância e vigilância tranquila.

No primeiro estilo, vigilante demais, o professor é cuidadoso e preocupado com os alunos, porém pode parecer ser ríspido pela insistência em controlar. Em momentos de turbulência em sala pode ser visto como grosseiro. Um exemplo citado por Rogers é de um aluno que não tem uma caneta e, por esse motivo, não faz a lição sugerida pelo professor. O problema é que, mesmo sem saber os motivos pelo qual o aluno não está escrevendo, o professor perde sua calma e começa a discutir, insistindo para que ele faça a lição, independente do que está acontecendo.



Discutem entre si em alto tom de voz, o aluno discute com os colegas de sala e ao final o desfecho da situação se dá com a retirada do aluno da sala de aula.

O segundo estilo, excessivamente vigilante, refere-se àquele em que o professor é cuidadoso demais e gosta de manter a ordem a qualquer custo, mesmo que seja necessário enfrentar os alunos. Sua postura é de discutir, sem mesmo notar que essa forma de gerir acaba sendo um espetáculo para os alunos que estão assistindo a cena. Um exemplo disso é um momento onde o professor, por se alterar demais, acaba desenvolvendo a necessidade de vencer o debate e a discussão, para que assim possa garantir o respeito. Esse comportamento, segundo Rogers (2008), é preocupante, pois, se os alunos notarem que ele tem essa necessidade, pode ser uma motivação para que o enfrentem ainda mais.

Nos dois estilos anteriores comentados, a vigilância apresenta-se em excesso. No terceiro tipo, porém, a característica é a ausência de vigilância. Ocorre quando o professor é indiferente, não se preocupando muito com as normas e regulamentos quanto à ordem na sala. No exemplo fornecido por Rogers (2008), acontece uma cena onde um professor, que é vigilante, vai advertir alguns alunos por não estarem cumprindo as regras e eles retrucam abertamente que seu agir não foi questionado por nenhum outro professor, ou seja, há professores nessa escola que não se importam quando os alunos estão agindo contra o regimento escolar.

Por fim, Rogers (2008) apresenta o estilo que podemos considerar ideal, a vigilância tranquila. Nesse estilo, o professor comporta-se com calma e foco no ensino diante de momentos turbulentos. Essa forma de agir pode contribuir para que cenas dramáticas não ocorram em sala de aula. O vigilante tranquilo não se agita pela indisciplina dos alunos, age sempre com cautela e pensa antes de falar. O exemplo do autor é de uma menina que chega atrasada e usando brincos (o que era proibido na escola estudada), em um primeiro momento a professora não se pronuncia, ela espera a aluna se sentar e quando os alunos estão ocupados com a tarefa, ela chama a menina e conversa individual e discretamente.

Para complementar o que é efetivamente, abaixo se encontra um quadro com os principais conceitos de Gestão da Sala de Aula - GSA, o quadro abaixo sugere algumas das principais definições do conceito gestão da sala de aula:

**Quadro 1 - Conceitos de GSA**



CONCEITO DE GSA	AUTOR/ANO
Procura estabelecer e manter um ambiente ordenado e atencioso no qual os alunos possam engajar-se em aprendizado significativo, mas também almeja estimular o crescimento emocional e social dos estudantes.	Weinstein e Novodvorsky (2015)
Fatores tais como a disciplina do professor, controle de comportamento ou outras dinâmicas relacionadas a uma redução no comportamento inaceitável dos alunos.	Gettinger (1988 <i>apud</i> WUBBELS <i>et al.</i> , 2015)
Um conjunto de procedimentos que, se seguidos, deve ajudar o professor a manter a ordem na sala de aula, e envolvem procedimentos, tanto proativos e reativos que podem ser combinados para fornecer uma abordagem global.	McKee e Witt (1990); Witt <i>et al.</i> (2004 <i>apud</i> WUBBELS <i>et al.</i> , 2015)
Refere-se às ações desenvolvidas para criar e manter um ambiente de aprendizagem efetivo.	Brophy (2011 <i>apud</i> SILVA; MUZARDO; JARDIM, 2015, p. 154).
Conjunto de ações para criar um ambiente de ensino e de aprendizagem, adequando o ambiente físico, clarificando as regras e os procedimentos, de modo a manter o envolvimento dos alunos nas tarefas e a atenção aos conteúdos a aprender.	Veiga, F.; Caldeira, S. N. & Melo, M. (2013).
Fundamentando-se naquilo que já se conhece do grupo, o professor combina, negocia com o mesmo os aspectos relevantes ao bom andamento do dia a dia da sala de aula como, por exemplo, hábitos e atitudes.	Frank e Fellicetti (2012)
A gestão de classe consiste num conjunto de regras e de disposições necessárias para criar e manter um ambiente ordenado favorável tanto ao ensino quanto à aprendizagem.	Doyle (1986 <i>apud</i> GAUTHIER <i>et al.</i> , 2006, p. 240)

Fonte: Adaptado pelos autores

A partir dessa categorização e da necessidade de pesquisar as práticas cotidianas em sala de aula, nos propusemos a investigar a percepção dos alunos a respeito das práticas de vigilância adotadas pelos seus professores. Procuramos descobrir qual estilo de vigilância é o preferido pelos alunos. Buscamos com essa pesquisa contribuir para o entendimento do relacionamento entre professores e alunos em sala de aula, na esperança de que tal conhecimento possa, como consequência, melhorar a qualidade do ensino.

## 2 METODOLOGIA



A pesquisa foi realizada em uma escola pública situada na periferia do município de Maringá-PR, que atende aproximadamente 1500 alunos. Participaram da coleta de dados 79 alunos, meninas e meninos, das três séries do Ensino Médio. Quanto à abordagem, essa pesquisa pode ser classificada como qualitativa, pois esse tipo de investigação procura descobrir significados, motivos, crenças e valores inscritos no espaço das relações sociais (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009) e esse é o objetivo implícito no problema da pesquisa, mesmo que sejam utilizados dados numéricos que procuram capturar tais significados. De natureza básica, nossa pesquisa é exploratória e descritiva, utilizando a pesquisa de campo e estudo de caso como procedimento de coleta de dados. Em relação ao instrumento de pesquisa, foi aplicado um questionário com questões fechadas.

Quanto à análise, a pesquisa se define como qualitativa, já que pretendeu ir além de tabulação superficial de dados, por meio de uma perspectiva teórica (Pedagogia histórico-crítica) buscou-se o aprofundamento dos dados. “A pesquisa qualitativa quer fazer jus à complexidade da realidade, curvando-se diante dela, não o contrário, como ocorre com a ditadura do método ou a demissão teórica que imagina dados evidentes” (DEMO, 2013, p. 152).

As investigações que se voltam para uma análise qualitativa têm como objetivo situações complexas ou estritamente particulares. Os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais (RICHARDSON, 2012, p. 80).

Por último afirmamos que o estudo se caracteriza também como um estudo de caso, pois além de ser uma modalidade fortemente utilizada pelas grandes áreas de pesquisa, como as biomédicas e sociais. “Consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos já considerados” (GIL, 2010, p. 37).

Acredita-se que esse delineamento permitirá que os objetivos e a problemática sejam resolvidos, assim como poderá contribuir significativamente com professores e estudiosos da área, por aproximar a todos do tema, que de certa



forma é um interesse público, uma vez que verificar o que é a sala de aula, como são as rotinas e como os alunos as percebem, pode possibilitar novas estratégias e também estudos que promovam uma maior eficácia do ensino.

### 3 RESULTADOS

O quadro 1 foi organizado para demonstrar, com base nos dados coletados pela pesquisa, os estilos de vigilância preferidos pelos alunos em cada turma da escola estudada. Antes da aplicação do questionário, os alunos tiveram ciência do que representava cada um dos estilos de vigilância. Os resultados apresentaram-se bastante variados, mas que fornecem dados importantes para a análise.

**Quadro 2** - Preferência pelo tipo de vigilância do Professor

<b>Turmas</b>	<b>Excessivamente Vigilante</b>	<b>Muito Vigilante</b>	<b>Ausência de Vigilância</b>	<b>Vigilante e Tranquilo</b>
1º Ano	0,00%	21,88%	3,12%	75,00%
2º Ano	8,33%	20,84%	8,33%	62,50%
3º Ano	17,39%	8,70%	17,39%	56,52%

Fonte: Os autores.

Nesse cenário, embasado pela contribuição de Rogers (2008), fica possível perceber que mesmo quando o professor é excessivamente vigilante, alguns alunos tendem a gostar desse comportamento. Esse fato gera novos questionamentos, que podem ser motivo para outras investigações. Afinal, quais os motivos que levam os alunos a gostar desse tipo de vigilância? Será que esses alunos apreciam as cenas turbulentas que esse estilo promove ou será que esse perfil do professor funciona de alguma forma? A emergência de questionamentos como esse revela como são muitos os fatores que influenciam os professores, alunos e aquilo que ocorre nas salas de aula, incluindo fatores emocionais, culturais, interpessoais e ambientais (WUBBELS et al; 2015).

O quadro 1 permite afirmar também que diminui a preferência pelo estilo de vigilância tranquilo à medida em que os alunos amadurecem e crescem de maneira praticamente igual a ausência de vigilância e excesso de vigilância. A seguir



apresentamos os resultados de outras questões que podem trazer esclarecimento sobre esses dados apresentados no quando 1.

O quadro 2 expressa a opinião dos alunos sobre as ações de seus colegas de classe ao desafiarem a autoridade do professor.

**Quadro 3** - Quando está em sala de aula, é de seu gosto que os alunos desafiem a autoridade do professor?

	1° Ano	2° Ano	3° Ano
Sempre	0,00%	0,00%	8,70%
Quase sempre	3,13%	0,00%	39,13%
Quase nunca	46,87%	45,83%	13,04%
Nunca	50,00%	54,17%	39,13%

Fonte: Os autores.

Conforme os dados apresentados no quando 2, os alunos do terceiro ano parecem apreciar mais quando seus colegas desafiam os professores durante as aulas. Pelos menos nas turmas estudadas, essa tendência aumenta de acordo com a maturidade dos alunos. Talvez a maturidade os faça sentirem-se mais seguros em questionar a autoridade do professor, demonstrando que não aceitam mais tudo o que o professor diz e/ou faz em sala de aula. Essa atitude não é ruim em si mesma, pelo contrário, pode enriquecer a aula caso o professor tenha maturidade suficiente. Por outro lado, se a atitude dos alunos for apenas para afrontar a autoridade do professor, simplesmente para tumultuar, poderá prejudicar a qualidade da aula.

Outro questionamento realizado na pesquisa está agrupado no quadro 3 e diz respeito ao motivo que levam os alunos a desafiarem seus professores.

**Quadro 4** - Em sua opinião, o motivo que leva os alunos a desafiarem o professor está relacionado ao fato deles perceberem que o professor tem dificuldades de controlar a turma?

	1° Ano	2° Ano	3° Ano
Sempre	28,13%	16,67%	34,79%
Quase sempre	62,50%	54,16%	43,47%
Quase nunca	9,37%	12,50%	17,39%
Nunca	0,00%	16,70%	4,35%

Fonte: Os autores.



Indagou-se nessa questão se os alunos acreditavam que esse desafiar professores tem alguma relação com as dificuldades dos professores em controlar a turma. Nesse aspecto, houve uma maioria de respondentes que acredita que quase sempre ou sempre os alunos desafiam o professor quando os docentes têm dificuldade em controlar a turma, ou seja, os próprios alunos. Temos aqui uma demonstração da importância da contribuição de Tardif (2013) para o entendimento dos saberes necessários aos docentes. Nessa situação, será o saber da experiência ou da formação? Rogers (2008) ressalta que cabe ao professor não se render às provocações dos alunos, ou seja, o professor deve munir-se de calma e tranquilidade, desenvolver uma habilidade para que consiga resolver os conflitos sem que precise competir em uma situação de enfrentamento com um aluno.

No quadro 4, temos o resultado do questionamento sobre a compreensão a respeito do bom relacionamento entre os alunos e professores, considerando se isso pode interferir no ensino e aprendizagem.

**Quadro 5** - Você acredita que um bom relacionamento entre professor e aluno contribui com o desenvolvimento de sua aprendizagem?

	1° Ano	2° Ano	3° Ano
Sempre	75,00%	87,50%	65,22%
Quase sempre	25,00%	12,50%	30,43%
Quase nunca	0,00%	0,00%	0,00%
Nunca	0,00%	0,00%	4,35%

Fonte: Os autores.

Uma média de quase 76% dos respondentes diz que sempre esse bom relacionamento contribui com a aprendizagem. Cothran, Kullina e Garrahy (2002) encontraram resultado semelhante. Os estudantes por elas pesquisados afirmaram que os bons professores tratam bem seus alunos e, em consequência, são bem tratados. Rogers (2008) afirma isso quando diz que os alunos e professores estão o tempo todo ensinando uns aos outros por meio dos seus comportamentos. Podemos perceber, no entanto que essa certeza foi diminuindo ao longo das séries. Provavelmente a maturidade dos alunos os leve a crer que devem estudar e, portanto, aprender mesmo quando não têm um bom relacionamento com os professores.



Após questionarmos os alunos sobre a compreensão deles quanto à influência do bom relacionamento em sua aprendizagem, investigamos a questão do respeito com os professores durante as aulas, quadro 5.

**Quadro 6** - Você procura manter o respeito com seu professor durante as aulas que frequenta?

	1° Ano	2° Ano	3° Ano
Sempre	81,25%	83,33%	65,22%
Quase sempre	18,75%	16,67%	26,09%
Quase nunca	0,00%	0,00%	4,35%
Nunca	0,00%	0,00%	4,35%

Fonte: Os autores.

Mais uma vez a maioria dos questionados ficaram entre sempre e quase sempre buscam manter o respeito com os professores, porém, alguns alunos do terceiro ano dizem que quase nunca e nunca mantêm o respeito. Novamente, também, percebemos que a atitude muda ao longo do tempo. Nesse caso, isso é realmente preocupante, pois Rogers (2008) faz um alerta quanto à postura desses sujeitos, pois, para ele, os comportamentos de ambas as partes acabam sofrendo um efeito de reciprocidade, ou seja, se o aluno falta com respeito para com seu professor, essa situação facilmente pode se tornar inversa. Esses resultados seguem o mesmo sentido da questão anterior, pois os alunos dos terceiros anos não acreditando que o bom relacionamento seja essencial, podem tender a não se preocupar com o respeito ao professor e, talvez, por esse motivo um número maior de alunos da última série prefira professores que exercem uma vigilância mais intensa.

Conforme mencionado anteriormente e de acordo com as observações de Rogers (2008), a vigilância adotada pelo professor diante de determinadas situações pode variar. Porém, será que os alunos compreendem os motivos pelos quais os docentes agem para controlar a sala? Será que percebem que, quando o professor exagera em sua vigilância, pode ser que o mesmo se preocupa com a efetivação do ensino? As respostas a esse questionamento estão no quadro 6.



**Quadro 7** - Compreende os motivos pelo qual o professor exagera em sua vigilância para colocar a sala em ordem?

	1° Ano	2° Ano	3° Ano
Sempre	43,75%	25,00%	30,43%
Quase sempre	50,00%	62,50%	47,83%
Quase nunca	6,25%	12,50%	17,39%
Nunca	0,00%	0,00%	4,35%

Fonte: Os autores.

Foi possível observar que a maioria dos alunos do Ensino Médio da escola pesquisada afirma que sempre ou quase sempre entendem esses motivos da vigilância dos professores. No entanto, essa postura é menos intensa entre os alunos do terceiro ano. Aqui também podemos supor que a maturidade seja acompanhada de uma visão mais crítica em relação ao comportamento dos professores.

Um dos fatores que podem interferir na gestão da sala de aula é a linguagem. Um professor deve ser exemplo e não deve, segundo Rogers (2008), concordar, dentro da sala de aula com a linguagem que seus alunos trazem de outros ambientes. Por outro lado, a sua linguagem deve ser correta e clara, de maneira a contribuir com o entendimento dos alunos. Partindo dessa compreensão, os alunos que participaram da pesquisa responderam uma questão relacionada à percepção deles quanto às formas de comunicação adotadas pelos seus professores, no sentido de a linguagem ser clara para todos. Os resultados nesse ponto estão no quadro 7.

**Quadro 8** - É possível perceber que a linguagem (formas de pronunciar-se) que o professor utiliza para controlar a sala é compreendida por todos.

	1° Ano	2° Ano	3° Ano
Sempre	21,88%	8,34%	39,13%
Quase sempre	37,50%	50,00%	47,83%
Quase nunca	34,37%	41,66%	13,04%
Nunca	6,25%	0,00%	0,00%

Fonte: Os autores.

Esses resultados expressam claramente aquilo que Rogers (2008) diz no sentido de que o relacionamento entre os envolvidos na sala de aula é muito



singular. É evidente a diferença entre a percepção dos alunos das diversas séries. Nesse caso, uma boa parcela deles acredita que a linguagem usada pelo professor para controlar a turma é clara e suficiente. Esse aspecto é muito importante e também foi observado em outras pesquisas, como a realizada por Cothran, Kullina e Garrahy (2002), que descobriram que os alunos consideram como bons professores aqueles que deixam claro, desde o começo, as expectativas em relação ao comportamento dos alunos.

Vale reafirmar que a maioria dos alunos pesquisados prefere o professor que exerce uma vigilância tranquila, o que exige do professor uma gestão também tranquila da sala de aula. Compreendemos que uma gestão tranquila é aquela que proporciona um ambiente propício para o ensino e para a aprendizagem. Cothran, Kullina e Garrahy (2002) observaram que os alunos apreciam aqueles professores que são rigorosos no sentido que deixam claro os momentos em que os alunos podem descontraír e aqueles nos quais os alunos devem concentrar-se na aprendizagem. Provavelmente isso seja a definição mais evidente do que seja a vigilância tranquila.

Percebemos como fez Dubet (1997), que nem todos os alunos têm atitude de respeito em relação ao professor, ou seja, nem todos buscam contribuir com o professor para que o mesmo exerça o estilo de vigilância mais desejado. Provavelmente por isso há aqueles alunos que preferem os professores mais severos ou que, ao contrário, se portem de maneira indiferente diante da indisciplina. Ledo (2009) chama a atenção para a reação dos professores diante dessas situações em sala de aula. Esse autor afirma que o professor pode agir de forma autoritária, na esperança de recuperar sua autoridade em sala de aula. A esse comportamento autoritário, proposto por Ledo (2009), podemos vincular os estilos excessivamente vigilante e muito vigilante. Por outro lado, é possível que os professores reajam de outra forma, sendo permissivos. A esse tipo de professor corresponderia a ausência de vigilância, quando, segundo Ledo (2009), o professor na ânsia por ser democrático acaba por cair “[...] na licenciosidade, trazendo, dessa forma, também, danos à prática educativa em sala de aula” (LEDO, 2009, p. 105).

Um detalhe importante, que não pode ser omitido durante essa análise, é o fato de que, tanto os alunos, como os professores, na época da coleta dos dados,



estavam em um momento de muita turbulência, pois, o ano de 2015 foi marcado por uma greve de longa duração no estado do Paraná. A aplicação do questionário foi em julho do mesmo ano, momento esse no qual as aulas já haviam retornado e os professores deveriam ter muita dedicação a fim de cumprir o currículo. Pode ser que esse momento particular tenha influenciado os resultados da pesquisa. Mesmo assim, esse fato demonstra as particularidades do trabalho docente.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Partindo do pressuposto de que diferentes estilos de gestão, adotados pelos professores, podem ser mais ou menos atrativos de acordo com as situações cotidianas, essa investigação procurou trazer à reflexão um dos muitos aspectos relacionados às práticas da gestão da sala de aula. Nesse caso, aqueles comportamentos que podem ser classificados como de vigilância, ou seja, as ações que verificam se os alunos estão realizando de forma apropriada as atividades indicadas pelo professor.

Por meio da pesquisa realizada foi possível identificar quais são os estilos de vigilância que os alunos tendem a gostar mais. Mesmo considerando a limitação da pesquisa, realizada em apenas uma escola, os dados coletados trazem uma contribuição significativa para a área por indicarem o quanto ainda é preciso pensar a respeito de como a Gestão de Sala de Aula está acontecendo no cotidiano escolar. É, portanto, necessário que se realizem outras investigações de maneira que se possa construir um cenário mais completo sobre o tema. Inclusive com a adição de variáveis como gênero dos professores e alunos ou ramo do conhecimento do professor.

O referencial teórico utilizado, que proporcionou a análise de dados, partiu do conceito de Rogers (2008). Esse autor, além dos estilos de vigilância, apresenta muitos relatos de acontecimentos do interior das salas de aula e que contribuem ou não para o ensino. Para ele, sempre haverá outra forma de resolver os conflitos existentes, de maneira que todos sejam beneficiados. O modelo ideal desejado, conforme Rogers (2008), seria, então, aquele no qual o professor que exerce uma vigilância tranquila, em outras palavras, consegue ficar sereno e estável diante da



indisciplina dos alunos. Caso o professor tenha êxito, os alunos teriam dois direitos inegociáveis garantidos: o de aprender sem perturbação indevida e injusta; e o de sentir-se seguro na escola (ROGERS, 2008).

Pode-se inferir que a escola específica, objeto desse estudo, não apresenta problemas graves em relação à disciplina em sala de aula, nas turmas pesquisadas. O que pode indicar que os alunos possuem maturidade para saber que um bom relacionamento entre eles e aqueles que os ensina, pode alterar e contribuir positivamente para sua formação. Diante desse caso, podemos imaginar que os estudos relacionados à Gestão da Sala de Aula podem e devem contribuir para as ações que objetivam formar professores melhores. Professores que consigam se não sempre, na maioria das vezes fazer com que suas de aulas se transformem em um ambiente onde os alunos possam realmente aprender mais.

## **CLASSROOM MANAGEMENT: THE STUDENTS AND THE VIGILANCE ADOPTED BY THE TEACHERS**

### **ABSTRACT**

Few disagree that education is important in modern society, that the school has a vital importance in our world and that, at school, the teaching appears mostly in the classroom. So, knowing what happens in this place is essential to improve teaching. From this on, this study has as main objective investigate the preferences of the students related to the stile of vigilance of their teachers, one of the aspects of classroom management. Taking into consideration that the concept of classroom management is not very developed in Brazil, Brophy's (2011) perspective was taken into consideration. For the concept of vigilance styles, Rogers' (2008) definitions were used. The research was a case study at a public school from the city of Maringá-PR. Through a closed questions survey, the preferences of 79 students from three grades from High School were obtained. Using four styles of vigilance, built from the examples given by Rogers (2008), it was possible to conclude that the students surveyed prefer, in majority, the relaxed style of vigilance; fact that seems to corroborate international studies about teacher-student relationship in classroom.

**KEYWORDS:** Classroom management. Vigilance styles. Indiscipline.

### **REFERÊNCIAS**



BROPHY, J. History of research on classroom management. In: EVERTSON, Carolyn M.; WEINSTEIN, Carol S. **Handbook of classroom management: research, practice, and contemporary issues** (orgs.). New York: Routledge, 2011. p. 17-46.

COTHRAN, D. J.; KULINNA, P. H.; GARRAHY, D. A. This is kind of giving a secret away...: students' perspectives on effective class management. **Teaching and Teacher Education**, v. 19, p. 435-444, 2003. Disponível em: <[http://www.researchgate.net/publication/222636255\\_This\\_is\\_kind\\_of\\_giving\\_a\\_secret\\_away...\\_Students'\\_perspectives\\_on\\_effective\\_class\\_management](http://www.researchgate.net/publication/222636255_This_is_kind_of_giving_a_secret_away..._Students'_perspectives_on_effective_class_management)>. Acesso em: 4 nov. 2015.

DUBET, F. Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5, p. 222-231, maio/ago., 1997. Disponível em: <[http://www.uff.br/observatoriojovem/sites/default/files/documentos/rbde05\\_6\\_19\\_angelina\\_e\\_marilia.pdf](http://www.uff.br/observatoriojovem/sites/default/files/documentos/rbde05_6_19_angelina_e_marilia.pdf)>. Acesso em: 27 set. 2015.

DUSSEL, I.; CARUSO, M. **A invenção da sala de aula**. São Paulo: Moderna, 2003.

EMMER, E. T.; SABORNIE, E. J. (Orgs). **Handbook of classroom management**. New York: Routledge, 2015.

EVERTSON, C. M.; WEINSTEIN, C. S. (Orgs). **Handbook of classroom management: research, practice, and contemporary issues**. New York: Routledge, 2011.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1977.

MORAIS, R. (Org.). **Sala de aula: que espaço é esse**. 12. ed. Campinas: Papirus, 1988.

HOY, A. W.; WEINSTEIN, C. S. Student and teacher perspectives on classroom management. In: EVERTSON, C. M.; WEINSTEIN, C. S. (Orgs.). **Handbook of classroom management: research, practice, and contemporary issues**. New York: Routledge, 2011. p. 181-219.

LEDO, V. A. **A indisciplina escolar nas pesquisas acadêmicas**. 2009. 245 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2009.

MONTOURO, P.; LEWIS, R. Student perceptions of misbehavior and classroom management. In: EMMER, E. T.; SABORNIE, E. J. (orgs). **Handbook of classroom management**. New York: Routledge, 2015. p. 344-362.

NASEY, C. **Teachers' use of classroom-based management strategies: a survey of New Zealand teachers**. 2012. 98 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Educacional) – Massey University, Albany. 2012.



ROGERS, B. **Gestão de relacionamento e comportamento em sala de aula**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SAVIANI, De. **Escola e democracia**. Campinas: Autores Associados, 1999.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (orgs). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. p. 31-42.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

WUBBELS, T. et al. **An interpersonal perspective on classroom management in secondary classroom in the Netherlands**. 2015. Disponível em:  
<[http://www.researchgate.net/profile/Jan\\_Tartwijk/publication/27695581\\_An\\_interpersonal\\_perspective\\_on\\_classroom\\_management\\_in\\_secondary\\_classrooms\\_in\\_the\\_Netherlands/links/0c960534313ea85de3000000.pdf](http://www.researchgate.net/profile/Jan_Tartwijk/publication/27695581_An_interpersonal_perspective_on_classroom_management_in_secondary_classrooms_in_the_Netherlands/links/0c960534313ea85de3000000.pdf)>. Acesso em: 4 nov. 2015.

*Recebido em 10 de agosto de 2017  
Aceito em 30 de novembro de 2017*